



Conceber Pictogramas

Campo de investigação
Design

Área de intervenção
Sinalética

Tema
Conceber Pictogramas

Palavras-chave
Sinalética, sistemas pictográficos, pictografia, pictogramas, design gráfico, design de informação.

RESUMO

Aos pictogramas é pedida a missão de transmitir informações essenciais a um grande número de pessoas de língua diferente, mas que têm traços socioculturais comuns, e a quem não é fornecido nenhum ensinamento para defrontarem a decodificação dessas mensagens.

Apesar de não existirem normas rígidas ou impostas ao designer no processo criativo, algumas regras devem ser apreendidas no sentido de melhorar o sistema a conceber.

CONCEBER PICTOGRAMAS

Não existem regras básicas nem receituários para a concepção de pictogramas ou sistemas pictográficos. Um pictograma representa de um modo simplificado um objecto, o qual pode ser mais ou menos icónico (mais ou menos semelhante como o modelo real), mas importa acima de tudo que seja perceptível pelo maior número possível de utentes. É também necessário um entendimento global do sistema a desenvolver, para depois conceber individualmente pictogramas coerentes que contribuam para a uniformização geral.

Qualquer imagem que concorre para formar um pictograma, tende a assumir as características e a transmitir o sentido da total categoria dos objectos a que pertence o objecto em exame ^[1]. O mesmo é dizer que uma imagem a ser representada por um pictograma, tende a regular a concepção de outros pictogramas que estejam contidos na mesma categoria.

Habitualmente, a imagem de um objecto tem a propriedade de apresentar esse objecto em toda a sua singularidade carregado por isso de todos os atributos que o caracterizam como individuo. Nos pictogramas deve acontecer o contrário, a figura «homem» deve servir para «todos os homens possíveis» (Fig. 1).



Fig. 1 – Pictogramas onde se tenta representar a figura humana com as mesmas características em todo o sistema de sinalética.

[1] MASSIRONI, Manfredo – Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. 1.^a ed. Lisboa: Edições 70, 1983. (p.118)

Se fosse usada a fotografia de um homem para um sinal, a imagem seria muito mais próxima do homem real do que a esquematizada pelo pictograma, mas seria bastante menos útil. Se cada figura tem de servir para «todo o conjunto dos objectos possíveis pertencentes a essa classe», a figura de que falamos não deve nunca prefigurar um objecto, mas toda a classe daqueles objectos, ou seja, um conceito. ^[2]

“A legibilidade dos símbolos pictóricos também se baseia nas condições de utilização e, especialmente, nas expectativas dos fruidores. No aeroporto, numa estação, num hotel, no metropolitano, numa cidade em que nos encontramos pela primeira vez, detectamos um estado de desorientação devido a não sabermos reunir o significado dos estímulos provenientes do exterior num contínuo encadeado, quer dizer, num ambiente do qual se procura reconhecer o sentido mesmo para além dos estímulos imediatos (contrariamente ao que acontece quando nos encontramos na nossa casa).” ^[3]

As imagens (signos?) possuem características próprias que as diferenciam das demais. Segundo Moles, existem critérios que caracterizam os diferentes tipos de imagem: ^[4]

- **Iconocidade** (nível de semelhança) / **abstracção** – entre o modelo e a sua imagem.
- **Complexidade / simplicidade** que é dada tanto pelo n.º de elementos que integram a imagem, como pelo grau de desordem ou ordem.
- **Normatividade**, ou uso rigoroso de leis de certos códigos e regras que se empregam sobre todo o desenho técnico.

[2] Manfredo Massironi – *op. cit.*, p. 119-120

[3] Manfredo Massironi – *op. cit.*, p.122

[4] Moles, A., Janiszewski, L. – *Grafismo funcional* (p. 47)

- **Universalidade**, que é o carácter intemporal de certos signos, imagens e figuras simbólicas, que foram institucionalizadas ou fixadas espontaneamente em grandes grupos sociais.
- **Historicidade** ou valor documental, cultural e sociológico de certas imagens.
- **Estética ou carga cognitiva**, que é um valor dirigido à sensibilidade do espectador.
- **Fascinação** ou capacidade de retenção do olhar e de sedução, que possuem certas imagens.

O design tem a capacidade única de dar forma à informação mediante as seguintes técnicas:

- Ênfase ou compreensão
- Comparação ou estruturação
- Agrupamento ou ordenação
- Selecção ou omissão
- Opção por um reconhecimento imediato ou retardado
- Apresentação de maneira interessante

A exigência de transmissão de informação através de pictogramas obriga a conceber signos concisos, simples, rapidamente compreensíveis; para isso há que procurar estruturas gráficas elementares, para fazer justiça a um determinado tipo de percepção.^[5]

[5] AICHER, Otl e Krampen – Sistemas de signos en la comunicación visual. 4.ª ed. México: Gustavo Gili, 1995. (p.101)

De um modo geral, o modelo conceptual (tendo em conta a concepção de *pictogramas*) deve apresentar a informação de um modo mais simples, claro e sem ambiguidades possíveis. ^[6]

Porque razão um carro não poderá representar-se um dia como um sinal composto de quatro pontos se, entre outras coisas, tem quatro rodas? A partir disto não deve chegar-se à conclusão de que desde um princípio possam elaborar-se sistemas de signos com base no sentido gráfico. Isto só é imaginável em casos excepcionais. ^[7]

[6] MIJKSENAAR, Paul – Diseño de la información. 1.ª ed. Mexico: Gustavo Gili, 2001. ISBN 968-887-389-6

[7] Otl Aicher – *op. cit.*, p. 101

O Autor

João Vasco Matos Neves licenciou-se em Tecnologia e Artes Gráficas pelo Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia em 2002.

Obteve o Mestrado em Design, Materiais e Gestão do Produto pela Universidade de Aveiro em 2006, apresentando a dissertação intitulada "O sistema de sinalização vertical em Portugal". A dissertação clarifica a história da sinalização vertical em Portugal, analisa o sistema no geral e os seus elementos constituintes no particular, contribuindo para um melhor entendimento da inter-relação dos seus componentes. Demonstra ainda a importância do Design e de outras disciplinas transversais para a melhoria da sinalização vertical e a implicação desta na melhoria das acessibilidades para o utilizador.

Encontra-se a realizar o Doutoramento em Design pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Desde 1998 que executa trabalhos como free-lancer na área do Design Gráfico, tendo já ganho concursos nacionais e internacionais.

Exerce desde 2002 a actividade de docente na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

É sócio número 4 e membro fundador da Associação Nacional de Designers, exercendo actualmente as funções de Presidente do Conselho Fiscal.